

VULTOS DA HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA

RODOLFO GARCIA (1873-1949)

Muito deve a historiografia brasileira a Rodolfo Garcia. Seria quase desnecessário lembrá-lo, tanto o seu nome tornou-se familiar a quem quer que tenha dedicado alguns momentos ao estudo de nosso passado. Possuidor de sólida erudição, alcerçada na beneditina paciência com que se entregou a pesquisas arquivais e bibliográficas, tudo quanto saía de sua pena trazia a marca da garantia e sobretudo da probidade, ligando o seu nome de maneira indissolúvel a algumas realizações de grande vulto nos domínios da cultura nacional. Bastaria citar, como exemplo, as sábias anotações ao texto de Varnhagen, cuja obra - **a História geral do Brasil** - tornou-se engrandecida e extremamente valorizada com os apensos que, a princípio em colaboração com Capistrano de Abreu e sozinho a partir do segundo tomo, apôs-lhe o antigo diretor da Biblioteca Nacional.

Não foi apenas na obra de Varnhagen que Rodolfo Garcia demonstrou sua erudição. Outras edições críticas do mais alto valor lhe são devidas: o livro de Claude d'Abbeville, no qual se interessou particularmente pela parte lingüística (outro assunto de sua predileção), o Gandavo (na edição da Academia Brasileira), os textos de Fernão Cardim, os **Diálogos das grandezas do Brasil**, as cartas de Nóbrega, a "Arte" de Anchieta, o **Peregrino da América**, de Nuno Marques, a obra do padre Gay sobre os jesuítas do Paraguai, entre outras.

Em seu acervo devem ser creditados, ainda, os vinte volumes dos "Anais da Biblioteca Nacional", cuja publicação promoveu ao tempo em que dirigiu a grande instituição criada por D. João VI. E que repositório magnífico de informações constituem esses "Anais", indispensáveis a qualquer pesquisa sobre assunto ligado ao nosso passado, e nos quais a divulgação de documentos valiosos se alterna com a reedição de textos raríssimos!

Rodolfo Augusto de Amorim Garcia (seu nome completo) nasceu a 25 de maio de 1873 em Ceará-Mirim, RN, e faleceu no Rio de Janeiro a 14 de

novembro de 1949. Pretendeu, de início, a carreira das armas, cursando a Escola Militar de Fortaleza e, depois, a da Praia Vermelha, no Rio de Janeiro. Mas, desde logo viu não ser essa sua real vocação. Daí, retornou ao Nordeste, cursando a Faculdade de Direito de Recife, pela qual se graduou em 1908. Ainda estudante, colaborou na imprensa pernambucana e lecionou em alguns colégios. Foi quando começou a recolher dados para o **Dicionário de Brasileirismos**, que publicou em 1915.

Transferiu-se para o Rio de Janeiro em 1912, conquistando logo a amizade do Conde de Afonso Celso, que lhe conseguiu os primeiros empregos como professor e bibliotecário. Publicou trabalhos sobre Biblioteconomia e Bibliografia, salientando-se, entre estes, a **Bibliografia geográfica brasileira**, acolhida pela Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro em seu volume 139, correspondente a 1919, mas só publicado em 1921. Para o grande **Dicionário histórico, geográfico e etnográfico**, publicado pelo Instituto Histórico em comemoração ao centenário da Independência, redigiu os capítulos sobre **Etnografia Indígena** e **História das explorações científicas no Brasil**.

Postumamente (1956) foi publicado o **Ensaio sobre a história política e administrativa do Brasil**, reunindo preleções proferidas num curso público promovido em 1932 pelo Museu Histórico Nacional. Prefaciou-o Afonso de E. Taunay, traçando excelente apreciação sobre a obra do autor. O volume integrou a preciosa coleção "Documentos Brasileiros" (nº 84) da Editora José Olympio e fez jús a uma segunda edição, em 1975. Deste volume o autor desta nota ocupou-se quando de seu aparecimento, na revista **Anhembi**, de São Paulo, nº 67, de abril de 1957, e dele foi extraída a "Seleta", que publicamos a seguir.

Diversos historiadores e críticos literários manifestaram-se sobre a obra de Rodolfo Garcia (Wilson Martins, Josué Montello...). Talvez a mais recente apreciação seja a da Professora Miridan Britto Knox Falci, no discurso com que se empossou no Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro, e no qual escolheu Rodolfo Garcia como seu patrono. Ver o nº de 1996/1997 da Revista do referido Instituto, pp. 43-46. O.N.M.